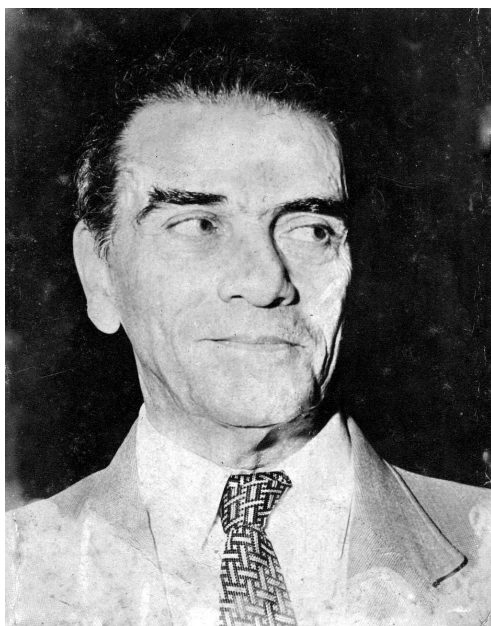


Apresentação

*“Que o teu verbo, se és deus, ensine e brade
Sacudindo os que morrem sem viver.
Só assim hás de ter sinceridade
Para pensar e amor para escrever.”*
O Desprendimento – José Oiticica



José Oiticica (1882-1957)

Em maio de 1919 os jornais operários davam notícia do retorno de José Rodrigues Leite e Oiticica à Capital Federal. Reconhecido como um combativo militante do movimento social, Oiticica fora deportado para Alagoas em função da intensa colaboração que prestou à chamada Insurreição Anarquista de 1918. De acordo com Carlos Addor, a greve insurrecional deflagrada no Rio de Janeiro se insere no conjunto de ações levadas a cabo após as deliberações do Primeiro Congresso Operário de 1906,

entre as quais podemos destacar o fortalecimento das organizações de classe que, por sua vez, deveriam substituir suas diretorias por comissões administrativas responsáveis pelo desenvolvimento de associações de auxílio mútuo e escolas.

Tais características apontam para a forte inserção das ideias anarquistas junto ao movimento operário, como se observa na defesa da greve geral enquanto ação capaz de mobilizar os mais amplos setores da classe trabalhadora numa mesma luta contra a opressão. De acordo com a estratégia sindicalista revolucionária, parcela do pensamento ácrata que preponderou entre os trabalhadores brasileiros, os núcleos específicos anarquistas devem contribuir com a capacidade de organização dos trabalhadores, estimulando seus sindicatos a ultrapassar as lutas corporativas, sem que para isso tenham que assumir, necessariamente, cargos diretivos na estrutura sindical. Assim, esses ativistas reconhecem os sindicatos como ferramenta de todos os proletários, não apenas daqueles inspirados pelos princípios ácratas, na mesma medida em que compreendem que seus núcleos específicos não substituem o conjunto da classe.

Contudo, ainda que aquelas campanhas contra o aumento dos alimentos e alugueis tenham íntima relação com a atuação dos anarquistas no interior da Federação Operária do Rio de Janeiro, as contribuições de Oiticica para a insurreição que aconteceria no ano seguinte eram, apesar de intensas, relativamente recentes. Para Aden Assunção Lamounier, foi nas páginas de *A Lanterna*, órgão de propaganda da *Liga Anticlerical*, que Oiticica teria declarado, pela primeira vez, sua adesão aos postulados de Pierre-Joseph Proudhon, Makhail Bakunin e Piotr Kropotkin. Nesse mesmo ano de 1912, João Penteado, Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho e Oreste Ristori, militantes que logo se aproximariam desse novo companheiro, fundaram a Escola Moderna de São Paulo, instituição inspirada nos fundamentos da Educação Racionalista defendidos em *Francisco Ferrer e a Humanidade Fraterna*. Nesse artigo ao qual Aden se refere, Oiticica demonstra profunda admiração pela escola do educador catalão, sentimento partilhado com Maria Lacerda de Moura, Fábio Luz e Edgard Leuenroth, com os quais o professor manteve permanente contato.

Como se vê, a década de 1910 foi intensa para Oiticica e o movimento operário. Nesse período, por desacreditarem no “espontaneísmo” das massas, os militantes libertários organizaram palestras, criaram jornais e fundaram escolas preocupadas com os futuros e o futuro dos trabalhadores, além de promover toda sorte de agitações que culminariam com a insurreição carioca em novembro de 1918. Amplamente envolvido com esse ativismo social, Oiticica colocou sua proverbial erudição ao serviço das lutas populares, sempre atuando ao lado daqueles com quem desenhou seu núcleo específico anarquista.

Formado pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, Oiticica chegou a frequentar o curso de medicina, versando também sobre filologia e história, disciplinas que lecionou durante a carreira no magistério. Além disso, demonstrou grande facilidade no aprendizado das línguas, habilidade que favoreceu sua atuação na Universidade de Hamburgo, onde lecionou como convidado do governo alemão. A essa altura, após frustradas tentativas em busca de uma colocação no magistério público, Oiticica já havia ingressado no corpo docente do Colégio Pedro II.

Apesar de conseguir as primeiras colocações nos concursos que prestou, Oiticica foi diversas vezes preterido, razão pela qual recorreu ao ministro da Justiça e Negócios Interiores, pasta responsável pelas questões educacionais durante a República Velha, com vistas a garantir a idoneidade dos seus avaliadores. Diante disso, o professor Carlos Laet, cujas teorias foram amplamente questionadas pelo postulante à vaga, viu-se obrigado a ponderar que o anticlericalismo e a orientação política do candidato não deviam preponderar sobre a decisão dos seus arguidores. Assim, com a assistência do ministro Carlos Maximiliano, Oiticica foi aprovado por unanimidade para o cargo de professor de língua portuguesa, função que exerceu durante trinta e cinco anos em nosso colégio.

Apesar da ocupação política do pai, Oiticica havia recusado ingressar na administração pública, preferindo sustentar sua família com a carreira no magistério, malgrado as decepções causadas ao senador da república. Entretanto, as incertezas da profissão foram agravadas pelos percalços da militância social, circunstâncias que,

muito provavelmente, conduziram o professor a cobiçar um cargo no Colégio Pedro II. Superadas as dificuldades com o sustento, Oiticica abraçou definitivamente as utopias da revolução social, entusiasmando-se fortemente com greves paulistas de 1917 e as primeiras notícias sobre as transformações revolucionárias na Rússia Tzarista.

O fervor das convulsões sociais no país de Tolstói, Bakunin e Kropotkin aproximou ainda mais os anarquistas. Sem reconhecer fronteiras nacionais, libertários em ação nos dois lados do Atlântico estreitaram sua comunicação, compartilhando experiências através das cartas e jornais que trocavam. Dessa maneira, os arquivos que compõem os espólios Pinto Quartim e Deolinda Lopes Vieira, acervos confiados à biblioteca do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Lisboa, conservam papéis que registram os laços de colaboração e amizade entre libertários nos primeiros anos do século XX. Esse cuidado com o apoio mútuo, partilhado pelo casal de educadores anarquistas cujos guardados compõem os referidos espólios, confere aos seus acervos um rico material para a compreensão dessa comunicação.

Entre os diversos documentos reunidos naqueles espólios, encontramos um manuscrito assinado pelo professor José Oiticica, no qual o combativo libertário avalia as tensões religiosas no Brasil. Esse registro, provavelmente redigido em 1915 para um dos jornais que contaram com a contribuição de Pinto Quartim, apesar de modestíssimo se comparado aos contos, sonetos, estudos de fonética e gramática, além dos opúsculos de propaganda anarquista que compõem a obra do mestre indômito, oferece bons elementos para reflexão sobre seu tempo.

Malgrado expresse as concepções de um militante neófito, ainda influenciado pelos valores positivistas, seu artigo expõe o anticlericalismo e o ceticismo que predominou entre os socialistas em relação à presença dos valores religiosos junto às massas, evidenciando uma perspectiva militante que ainda não reconhecia as políticas afirmativas e o direito à diversidade religiosa como bandeiras de luta. Portanto, malgrado alguns anarquistas contemporâneos a Oiticica procurassem contornar a aridez do discurso político difundindo a prática do federalismo, do mutualismo e da ação direta como expressões do espiritismo kardecista, Oiticica revela a rigidez que predominou em relação à influência das religiões entre os trabalhadores. Para a maioria daqueles militantes libertários, a tarefa revolucionária consiste em criar os meios para a libertação econômica e intelectual dos explorados, tarefa que, por conseguinte, impõe a resistência a todos os meios capazes de obliterar a consciência de si, destacadamente as Igrejas e o Estado.

Dessa maneira, ao celebrarmos o centenário do ingresso de Oiticica nos quadros do Colégio Pedro II, reverenciamos sua obra e trazemos a lume “A questão religiosa no Brasil”, artigo que, apesar das investigações desenvolvidas por um conjunto razoável de pesquisadores, desconhecemos sua publicação entre os periódicos operários pelos quais Oiticica transitou. A crítica mordaz do militante libertário, sobretudo aos privilégios concedidos pelo Estado à Igreja Católica, tanto denota a permanência de determinados dilemas na trajetória política do país quanto reforça a atualidade do tema.

Diante disso, pretendemos que a presente transcrição permita que pesquisadores e militantes dos

movimentos sociais consultem um significativo registro sobre a luta social no Brasil. Nesse intento, optamos por transcrever literalmente o texto original, preservando sua ortografia original e acrescentando, apenas, algumas notas em parceria com o amigo e colega Leonardo Brito, companheiro com o qual desenhamos novos círculos libertários.

Em outras palavras, nesse momento em que lideranças religiosas especulam sobre as possibilidades de um partido político que subordine as esferas do governo aos seus interesses, ampliando o uso das instituições públicas para manifestações que comprometem a laicidade do Estado, o acesso ao legado de Oiticica nos permite uma reflexão mais ampla, que alcança formas alternativas de organização com vistas a impedir qualquer esforço de imposição do particular sobre o coletivo. Tais esforços, expressos entre outros exemplos pelo projeto de lei intitulado “Escola sem Partido”, cujos autores argumentam não haver moralidade fora da religião, justificam a inserção e a preponderância de liturgias que

caracterizam os cultos cristãos nas escolas públicas, além de criminalizar seus trabalhadores ao judiciar as relações interpessoais, esvaziando a capacidade organizativa das comunidades escolares.

Contra semelhante estado de coisas e em defesa de uma instrução capaz de auxiliar homens e mulheres na construção de uma humanidade justa e fraterna, rebelou-se o professor José Oiticica que, ainda menino, fora expulso do seminário por recusar estender a mão à palmatória. Filho desse menino, o homem, cerrou os punhos na luta contra a opressão, mostrando que roseiral e semente são ciclos que integram um mesmo germinar. Estimamos que o contato com a obra do mestre Oiticica, gérmen das lutas ancestrais, floresça entre nós a rosa negra das utopias libertárias.



ROGÉRIO DE CASTRO

Professor do Departamento de História Colégio Pedro II/ Doutor em Educação pela UERJ.

A questão religiosa no Brasil

JOSÉ OITICICA

As religiões no Brasil em face da legislação são absolutamente livres. A Constituição Federal garante a liberdade de culto e efetuou assim a separação da Igreja do Estado, unidos na monarquia como ainda hoje, incoerentemente, na República Argentina.

Essa liberdade existe, de fato, no Brasil, embora possamos citar casos de proteção das autoridades ao culto católico romano e a seus ministros, o que é natural, por serem os dirigentes, por convicção ou conveniência, sectários da Igreja. Assim, alguns abusos, aliás ridículos para os católicos, mas inconstitucionais se praticam; entre outros os títulos honoríficos de condes dados pelo papa aos católicos de nota. Essa inundação recente de condes papais prende-se, ao meu ver, ao plano, denunciado o ano passado pelo *Lancashire Daily Post*¹, da fundação de um império clerical no Brasil com o fanático príncipe Luiz de Bragança² à frente.

Essa liberdade ampla de consciência e culto não impede entretanto que, em face da nossa legislação, se hajam suscitado graves questões.

A principal é a referente às leis de mão-morta³. A opinião geral dos juristas brasileiros como Ruy Barboza⁴, José Higgino⁵, Paulo de Lacerda⁶, Levi Carneiro⁷, Alfredo Bernardes⁸, Clovis Bevilacqua⁹, etc., é de que a Constituição

³ Consistia no pagamento de taxas de permanência em caso de falecimento do contraente, sendo considerado um abuso de poder. Sua origem remonta à Idade Média, quando os servos eram obrigados a efetuar pagamentos excepcionais em caso de falecimento do patriarca da família.

⁴ Ruy Barbosa de Oliveira atuou como advogado, jornalista e político, sendo coautor da primeira constituição da república, ministro da fazenda do presidente Deodoro da Fonseca e, posteriormente, duas vezes derrotado para a presidência do executivo nacional. Além disso, foi fundador da Academia Brasileira de Letras e assumiu sua presidência após a morte de Machado de Assis.

⁵ José Higinio Duarte Pereira foi advogado, professor catedrático da faculdade de Direito do Recife e membro do supremo tribunal federal e da primeira constituinte republicana.

⁶ Filho de Sebastião de Lacerda, deputado federal e ministro da viação e obras públicas no governo de Prudente de Moraes, tornou-se um importante dirigente do Partido Comunista do Brasil na companhia de seus irmãos Maurício e Fernando de Lacerda.+

⁷ Levi Carneiro se formou em direito pela Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro que, juntamente com a Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, deram origem à Faculdade de Direito da atual Universidade federal do Rio de Janeiro. Atuou como juiz no Tribunal Internacional em Haia e, como deputado constituinte em 1934, teve seu mandato cassado com a implantação do Estado Novo.

⁸ Alfredo Bernardes da Silva foi presidente do Instituto dos Advogados do Brasil entre os anos de 1920-1922.

⁹ Formado pela Faculdade de Direito do Recife, foi fundador da Academia Brasileira de Letras, ministro da justiça no governo de Epitácio

¹ Jornal britânico. Para maiores informações acessar:

<http://www.britishnewspaperarchive.co.uk/search/results/1901-01-01/1950-12>

² Luís Maria Filipe Pedro de Alcântara Gastão Miguel Rafael Gonzaga de Orléans e Bragança, filho de Isabel de Bragança e neto de D. Pedro II, tornou-se herdeiro do trono brasileiro em 1908 dada a renúncia do seu irmão Pedro de Orléans e Bragança.

Federal extinguiu as leis de mão morta pois no seu artigo 72 § 2º diz: todos os indivíduos e confissões religiosas podem exercer publica e livremente o seu culto, associando-se para esse fim e adquirindo bens, observadas as disposições do direito comum.

Essa ultima cláusula coloca as associações religiosas sob o direito comum, extinguindo portanto as leis de mão-morta que são leis de exceção.

Todavia, um advogado brasileiro, aliás católico, o dr. Manoel Coelho Rodrigues, num discurso pronunciado no Instituto dos Advogados em 16 de julho de 1912 levantou as seguintes questões:

1ª Os frades tinham apenas o uzo e gozo dos bens de mão-morta e, por lei, o Estado tinha o direito de meia propriedade desses bens inalienáveis conforme a lei de 28 de junho de 1870, cabendo-lhe a propriedade absoluta deles no caso de morte do último frade. Era um direito adquirido pela nação brasileira. Ora, o artigo 11 § 3º da Constituição veda a promulgação de leis retroativas de modo que, da data da Constituição em diante as corporações religiosas poderiam adquirir e vender bens livremente, mas os direitos adquiridos pela Nação brasileira permaneceram intactos quanto as propriedades de mão-morta. O Estado só poderia despojar-se desses haveres por lei especial ou por declaração especial de renúncia na Constituição. Isso não se fez, logo as corporações religiosas tem o poder de adquirir ou alienar bens, mas quando lhe pertençam e os bens de mão-morta não lhe pertencem, porque a Nação não se desfez deles por doação, venda ou renúncia expressa.

Pessoa e autor do projeto do código civil brasileiro.

2º As associações religiosas constituídas depois da República estão sob o direito comum?

Lembra o orador que elas formam corporações sui generis que por leis especiais devem ser reguladas. O pior porém é que essas associações vão de encontro a disposições expressas de direito comum. Basta citar uma.

O nosso Código Penal assim preceitua:

<<Art.103: Reconhece o cidadão brasileiro algum superior fora do país, prestando-lhe obediência efetiva. Pena de prisão celular por quatro meses a um ano.

Parágrafo unico: Se este crime for cometido por corporação, será dissolvida, e cazo seus membros se tornem a reunir debaixo da mesma ou diversa denominação, com o mesmo ou diverso regimen. Pena aos chefes, de prisão celular por um ano a seis anos, aos outros membros por seis a um ano>>

Ora as corporações religiosas baseadas no voto de obediência tem um superior com sede na Europa e esse superior é obedecido em tudo, cegamente, por voto solene.

Para exemplificar, o dr. Coelho Rodrigues cita a ordem brasileira de S. Bento que esta sujeita à Supremacia da Congregação de Beuron na Belgica. Lembra até que o grande empréstimo feito ha pouco tempo pelos frades sob garantia dos bens sítos no Rio (muitos pertencentes ao Estado) foi em grande parte enviado para a sede geral da Ordem.

Logo, essas corporações não se podem mesmo constituir e estão sob a cláusula de dissolução perante as leis comuns.

Alem disso é preciso não esquecer os abusos de que são uzeiros e vezeiros as

autoridades catolicas. Conto-lhes um cazo:

Os bens das irmandades são, por lei, bens civis. As irmandades são sociedades civis com fins religiosos. Extintas elas, portanto, os bens de seu patrimônio reverterem, por herança, ao Estado.

Ora, o cardeal Arco-verde¹⁰ baixou um decreto determinando que os bens das irmandades sejam considerados, de então em diante, bens da Mitra, reversíveis, por herança, à Igreja.

Um jurista eminente, o dr. Leite e Oiticica, catolico e membro nessa epoca da irmandade de S. Francisco Xavier protestou e escreveu na Imprensa, jornal do Rio, uma serie de artigos clarissimos sobre o assunto.

Não se fez para coibir o abuzo e hoje nenhuma irmandade se constitue sem incluzão dos bens ao patrimônio da Mitra.

Meio fácil de enriquecer da Igreja.

Influencia moral e social de cada uma das diversas religiões que no Brazil se manifestam é em geral detestavel como a influencia de qualquer preconceito. A historia nos atesta que as religiões tem sido o maior empecilho do progresso humano, porque os dogmas contrariam a ciencia e os ritos imobilizam a ação. Elas foram a cauza de guerras horriveis e os padres de qualquer seita são, no fundo, capitalistas exploradores ou socios de capitalistas.

Particularizando, direi que o catolicismo é, entre nós, o que mais pernicioza influencia exerce. É um aparelho de exploração muito bem organizado, suas ventozas estão applicadas às fontes mais

fecundas das riquezas do paiz e o celibato dos padres é perpetuo estimulo aos estupros, seduções, assassinios, de toda especie.

Não ha dia em que se não registrem, na imprensa, escandalos de padres ou de freiras, em roubos, falcatuas, uzurpações ou devassidão.

No momento em que escrevo tenho diante de mim o vespertino A Rua de 15 de fevereiro de 1915 com duas denuncias e uma noticia.

A primeira denuncia é a de crimes contra a propriedade cometidos pela Ordem de S. Bento. O jornal publica a fotografia de um recibo capcioso, sem estampilha passado pela Ordem a um pequeno arrendatário.

O jornal diz textualmente: <<A maneira de negocio dos padres é a mais anárquica possível. A gravura que acima publicamos dá disso uma idéa. É um recibo de arrendatario forense de um dos lotes de Iguassú, sem estampilhas, passado à la diable, e com traçoeiras bases de um contrato impresso nas costas do recibo para que os pobres diabos sejam apanhados de surpresa para legalidades futuras, num conchavo vergonhozo que permanentemente os poderes publicos mantem a favor da rica confraria de S.Bento.>> Seguem-se as disposições do tal contrato verdadeiramente um arrocho.

Note-se que as terras de Iguassú pertencem ao Estado e os frades se fazem donos delas.

A segunda denuncia é a da entrada de uma moça para o Azilo Bom Pastor, contra a vontade da familia, seduzida na igreja de S. Affonso, pelos padres Redentoristas. Esses cazos se repetem amiude.

A notícia do mesmo jornal se refere a uma consequencia do celebre cazo

¹⁰ Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti foi o primeiro sacerdote a ser elevado à condição de Cardeal na América Latina.

Idalina¹¹. Os padres para confundirem os seus alugadores inventaram uma Idalina, mas ficou provado que essa moça era uma tal Maria Magdalena, cujos paes se prestaram a farça. Essa menina para não aparecer em público, depois de esclarecida a falsificação, foi entregue a um curador e acaba de ser por ele deflorada e consequentemente internada no Azilo Bom Pastor sem que os poderes públicos intervenham no caso.

Em suma, porcarias de padres.

Agora mesmo tenho em mãos o processo do conego Cezario de Ataíde que foi assassinado por um marinheiro com cuja mulher adulterava.

Esses escandalos não se dão com os padres protestantes, maometanos ou pozitivistas a quem é permitido o casamento.

Quanto ao espiritismo devemos distinguir o espiritismo-ciencia, o espiritismo-religião e o espiritismo-curandi.

O primeiro é uma simples escola de investigação dos fenomenos chamados espiritas e nela se encontram individuos destituídos de qualquer idéia religiosa.

O segundo é exercido em sessões de evocação e consiste em conversas com espíritos e doutrinação dos maus e sofrendores.

Está extensamente generalizada no Brasil onde o analfabetismo é grande¹².

O terceiro se realiza em sessões de consultas medicas, algumas gratuitas; mas, na maior parte, pagas a tanto por mez.

Estudei durante anos essas sociedades e posso garantir que são uma exploração embora se registrem cazos notáveis de cura. O tratamento é feito sempre em todas pela homeopatia ou improjecção de mãos.

A influencia do espiritismo-religião é naturalmente má.

Como porem a sua doutrina é a do aperfeiçoamento e a da responsabilidade individual, sem intervenção de padres, torna-se consolo e alivio de muitos e as vezes meio de regeneração.

Quanto aos cazos de loucura os espiritismo nunca os vi, sinão em individuos já tarados, cuja mania mais cedo ou mais tarde explodiria em qualquer outro sentido. Conheço cazos de cura do dezechilíbrio mental pelo sonambulismo mediunico.

O mal do espiritismo está em desviar as consciencias do fato científico e injetar-lhes os principios de Allan Kardeck¹³, erroneos e futeis.

¹¹ Acusado de violentar e assassinar a menina Idalina Stamato, interna do orfanato Cristóvão Colombo, instituição situada no bairro do Ipiranga (região hoje pertencente à Vila Prudente), o padre Francisco Consoni, membro da Congregação dos Scalabrinos, permaneceu imune aos clamores populares organizados por anarquistas e demais anticlericais. Tais manifestações, presentes nas paginas dos periódicos libertários, contrastaram com o silêncio do juizado de menores entre outras instituições do Estado.

¹² Há nesse trecho uma expressa referência de José Oiticica aos cultos de matriz africana. A despeito de sua inclinação anarquista, não existe, de fato, uma preocupação do autor em relação ao caráter marginal que estes cultos possuíam no Brasil do início do século XX. Destacamos que, enquanto fonte histórica primária, esse breve libelo revela a aversão que uma parcela significativa dos militantes libertários nutria pelas questões de natureza espiritual, num período em que a defesa dos cultos de matriz africana permanecia distante enquanto bandeira de luta.

¹³ Hippolyte Léon Denizard Rivail, estudioso dos fenômenos paranormais, ficou conhecido como codificador da doutrina Espirita com o pseudônimo de Allan Kardec.

Sobretudo a doutrina da resignação ao mal é de um efeito detestável, pois agora o que importa no mundo são os homens revoltados contra a organização social.

Cousa notável, todavia! Tendo notado nos espiritas uma compreensão facilima dos princípios anarquistas e fácil adoção deles, exceto da negação de Deus.

Uma seita que se está alastrando no Brasil é o budismo sob o nome de Teozofia. Mantem varios jornais, um deles no Rio, o Teozofista.

Como sabemos é uma religião em Deus e os modernos propagandistas querem que seja a seita uma sintheze de todas as religiões fazendo questão dos principios e não da forma.

Propaga idéas morais elevadas juntas com hipóteses sem nenhum fundamento. Sua influencia é má para a educação moderna porque põe a tese da ciência nos seus mestres, senhores analfabetos ou de existência problematica como o Cristo e o Buda. Os Teozofistas aceitam as idéas desses mestres como verdades absolutas por mais absurdas que pareçam. Alem disso pregam a resignação como virtude.

O protestantismo, sob qualquer das suas múltiplas denominações, propaga-se entre nós e ensina as sandices biblicas e cristãs como verdades e leis morais perfeitas.

Tenho convivido com os Batistas em cujo colégio lecionei durante quatro anos e de onde acabo de sair. A propaganda deles se faz intensamente com dinheiro americano e por meio de missionários americanos ou estrangeiros formados na América do Norte. Fundaram seminarios no Brasil onde preparam pregadores brasileiros. Tem um jornal no Rio.

São hoje um dos principais colaboradores do clero romano na disseminação prejudicialissima das tolices biblicas.

O positivismo tem uma Igreja no Rio, com um pastor supremo, o sr. Teixeira Mendes¹⁴. Sua influencia social foi grande na organização do governo republicano, pois Benjamin Constant e outros eram positivistas. Assim o tema da nossa bandeira é um lema positivista e a constituição do Estado do Rio Grande do Sul está impregnada do espirito comtista, burguez e retrogrado.

O positivismo decai, porém, e si conserva algum prestígio é todo reduzido aos seus poucos fanáticos.

A Igreja Católica não prosperou com o advento da Republica. Ao contrario baqueou. A sua separação do Estado foi-lhe um golpe cruel. Esse abatimento continuou-se até poucos anos atraz em que principiou a requerer-se. Estamos na época do ressurgimento.

São varias as cauzas: a formidavel imaginação de confrarias religiosas consequente a lei Combès a Republica Portuguesa; a absoluta liberdade de associação e organização garantida por nossas leis e autoridades; a proteção ostensiva feita a esses emigrantes pelos poderes públicos mormente nos Estados; a ação intensiva da Igreja Romana que volta as suas vistas para o Brasil.

Esse ressurgimento, note-se bem, não se dá só no Brazil, mas em toda a America, mesmo nos Estados Unidos, onde varias vezes se tem levantado contra o perigo clerical.

¹⁴ Raimundo Teixeira Mendes foi um dos principais difusores do Positivismo no Brasil. Sua propaganda dos ideais comteanos inspiraram a bandeira nacional, cujo projeto foi por ele apresentado ao governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca

Um padre católico romano Jeremiah Croowley¹⁵ num livro importante deu o alarma contra os seus colegas demonstrando, com documentos e uma carta do Arcebispo de Chicago, a ação perniciosa deles, denunciando o plano jesuítico de aniquilarem as escolas primarias leigas por meio das escolas paroquiais, onde se criam adeptos de Roma.

Todos sabem que as escolas primarias são a base da democracia americana.

A nomeação de um cardeal para o Brazil deu aos olhos do povo analfabeto, um formidável prestígio à curia romana, prestígio que o Cardeal vai mantendo e aumentando com os seus passeios a Roma, seguido de uma comitiva nobre, de gente graúda. Mandou construir um suntuoso palácio e, em breve aí instalado, holofotizará, com o seu resplendor vermelho, a terra verde de Caramurú¹⁶.

A estupidização do povo será mais aproveitada pela ganancia dos caçaniques de batina. Tudo para gloria de Deus e da Virgem.

Para a elite das moças ricas e das damas cristãs, bastam as irmandades e as conferencias do padre Julio Maria¹⁷.

¹⁵ Trata-se do padre irlandês Jeremiah J. Crowley que, após deixar a diocese de Chicago, tornou-se um mordaz crítico da Igreja Católica.

¹⁶ Diogo Álvares Correia foi um náufrago português que, durante o século XVI, estabeleceu-se junto aos indígenas do litoral baiano, favorecendo o contato entre estes e os conquistadores lusitanos.

¹⁷ Júlio Maria de Lombaerde foi um padre belga, francófono e autor de diversas obras teológicas sobre a virgem Maria, que realizou inúmeras missões religiosas. Durante suas pregações, defendeu a importância do casamento enquanto sacramento e o significado do ingresso na vida religiosa. No Brasil, percorreu diversas regiões, granjeando notabilidade pelas pregações e auxílio médico aos pobres, dado seus conhecimentos rudimentares no campo da medicina.

Vem hoje anunciado o programa das suas conferencias da quaresma. Entre outras coisas mirabolantes vai ele demonstrar cientificamente a verdade da Encarnação de Deus em Cristo. Esse padre é de uma ignorancia igual à audacia com que profere, entre aplausos da melhor sociedade carioca, as mais horripilantes sandices.

Mas a inundação e a devastação do Brazil recomeça agora pela gente dos trez votos, os tais missionarios de ambos os sexos. É uma calamidade.

Nas classes altas é quazi nenhum o espirito religioso. Na classe media reina a indiferença. Vão à Igreja, batizam os filhos, ouvem missa, mas em geral rejeitam os dogmas e troçam dos padres. A classe baixa explorada pelo padre tem apenas o espirito supersticioso.

O sentimento supersticioso esse sim é ainda intenso, embora muito diminuido do que era no tempo da escravatura. Conheço de perto a questão. É pasmozo ver como criaturas, dotadas de senso, se sujeitam a praticas idiotas e irracionais do feitiço.

Sabe-se que a ação malevola do feitiço dos negros é a propina de venenos horriveis tirados das inumeras plantas venenozas das nossas matas.

O espiritismo explorador concorre muito para essa permanencia da superstição.

De alguns anos a esta parte surgiu, às dúzias, os cartomantes com anuncios pompozos nos jornais.

É conhecido o poeta e escritor Mucio Teixeira¹⁸ que se alcunhou de Barão

Permaneceu no país até sua morte em 1944, contribuindo para a fundação de um jornal, congregações, hospitais e escolas católicas.

¹⁸ O gaúcho Múcio Scevola Lopes Teixeira foi jornalista, poeta e diplomata. Esse membro da

Ergonte e é um dos mais procurados charlatões desvendadores de mistérios e ledores do futuro. Esse impostor como os outros: Wasum, madamos Zizina, Tagilde, Olympia, etc., vivem a custa dos beócios de toda casta e alguns chegaram a enriquecer.

O movimento reacionário contra a religião é muito pequeno. Depois do caso Idalina, escandaloso e bárbaro, criou-se no Rio de Janeiro a Liga Anti Clerical, centro de ação de onde irradiaram inúmeros pequenos centros. Todos, porém, com vida fraca, sem recursos, incapazes de manter uma ação contínua e forte.

O órgão mais vigoroso e da maior circulação é A Lanterna¹⁹ de São Paulo, mantido por um grupo insignificante de moços tenazes com Edgard Leuenroth²⁰ à frente.

É bom frizar que o elemento de reação anticlerical ou melhor antirreligiosa na Liga Anticlerical como na Lanterna e constituída, quase exclusivamente, por anarquistas estrangeiros e brasileiros que agora se vão, com dificuldade, organizando.

Partido político saído do seio das religiões existentes no Brasil, não temos nenhum. Os católicos tentam agora constituir um partido católico, mas nada

conseguiram ainda e parece que mesmo entre católicos não tem tido aceitação.

Quanto à maçonaria penso que essa corporação é a mais augusta inutilidade que há no Brasil.

Não sei de que vale e si faz algum coisa é com mistério superior ao da Trindade.

Uma particularidade denunciada pelo escritor Jonathas Serrano²¹ na Revista Social, órgão católico, ultramontano²² é que na maçonaria brasileira há um tipo único na história: o do católico-maçom. É pura verdade.

De onde se conclui ou que o catolicismo deles não é catolicismo ou que a maçonaria não é maçonaria.

JOSÉ OITICICA

Academia Gaúcha de Letras se dedicou ao estudo do "ocultismo" com o pseudônimo de Barão Ergonte.

¹⁹ Periódico libertário anticlerical que circulou durante a primeira metade do século XX e contou com a colaboração de José Oiticica.

²⁰ Natural do interior de São Paulo, Edgard Leuenroth iniciou sua carreira na imprensa proletária como aprendiz de tipógrafo, atuando posteriormente como jornalista, arquivista e fundador de diversos jornais libertários. Como ativista e historiador da anarquia, exerceu forte influência nas discussões do Congresso Operário Brasileiro de 1906, engajando-se firmemente nas campanhas em benefício da criação das escolas.

²¹ Formado em direito, Jonathas Archanjo da Silveira Serrano foi aluno e professor do Colégio Pedro II. Ficou conhecido pelo seu esforço de introdução de pressupostos da Escola Nova nas práticas pedagógicas das escolas católicas.

²² O ultramontanismo representou a expressão de um segmento da igreja católica, destacadamente na França e na Alemanha, devotado à valorização da supremacia papal face às transformações sócio-políticas e econômicas que caracterizaram o século XIX.

Posfácio

Interpretar e Mudar o mundo: conhecimento e a prática militante de José Oiticica.

Numa série de conferências realizada no início dos anos 1970, em homenagem ao filósofo pacifista Bertrand Russell, o anarquista norte-americano Noam Chomsky proferiu duas importantes análises acerca da relação entre linguagem e conhecimento. *Interpretar e mudar* o mundo foram preocupações, tanto de Russell, quanto de Chomsky (este último, octogenário e ainda produzindo de forma profícua dentro e fora da universidade) ao longo de suas trajetórias políticas e intelectuais, que necessariamente se cruzam e se justificam exatamente nesta intersecção e em linhas gerais o problema colocado Chomsky, nesta referência a Russell, se orientava pela seguinte pergunta: “Como é possível que seres humanos, cujos contatos com o mundo são tão breves, pessoais e limitados, estejam apesar disso em condições de conhecerem o tanto que conhecem?”¹

Russell e Chomsky faziam, com este questionamento, referência ao clássico problema da relação entre conhecimento, empirismo e indução presentes na obra de David Hume². Ou melhor, ao processo de inferência indutiva a partir da experiência, proposta pelo pensador do século

XVIII:

“Embora os animais aprendam através da observação muitas partes de seu conhecimento, há também muitas partes dele que são recebidas da mão original da natureza e que excedem em muito o quinhão da capacidade que possuem nas ocasiões ordinárias. Estas partes pouco ou nada melhoram pela mais longa prática e experiência, e a elas denominamos instintos, que se prestam a nossa admiração como extraordinários e inexplicáveis para todas as disquisições da compreensão humana. Porém, nosso espanto talvez cesse ou diminua, ao pensarmos que o próprio raciocínio experimental, que possuímos em comum com os animais e de que depende toda a condução da vida, nada é senão uma espécie de instinto ou poder mecânico que atua em nós e nos é desconhecido; e, nas suas operações principais, não é dirigido por qualquer de tais relações ou comparação de ideias, como são os objetos peculiares de nossas faculdades intelectuais. Embora o instinto seja diferente, ainda assim é um instinto, que ensina o homem a evitar o fogo; como ensina a ave, com tamanha precisão, a arte da incubação e a economia e ordem do cuidado com os filhotes”.³

Com base em seu empirismo radical, como evidencia a passagem acima, Hume forneceu para Russell e Chomsky uma necessária reflexão sobre o processo construtor do conhecimento

¹ Bertrand Russell. *Human knowledge: Its Scope and limits* apud Chomsky, N. In *Problemas do conhecimento e da Liberdade*. Rio de Janeiro: Record, 2008, p. 15.

² David Hume (1711-1776). Expoente do empirismo britânico no século XVII, Hume expôs pela primeira vez sua reflexão sobre o problema da indução nas obras *Tratado da Natureza Humana* e *Investigação sobre o Entendimento Humano*. Inferências e induções que se fazem nas conexões causais e, a partir delas é possível construir a compreensão para além da mera experiência.

³ David Hume. *Investigação sobre o entendimento humano* citado por CHOMSKY. *Op cit.* 17.

humano. Para além do empírico, a partir da indução, o conhecimento pode – e deve – ser construído pelo Homem para compreensão da realidade. Desta forma, *interpretar* o mundo é um elemento da *natureza humana* coadunado às suas sociabilidades erigidas ao longo da vida.

Para além da *interpretação* do mundo, o problema que se apresenta para filósofos humanistas como Russell e anarquistas convictos, como Chomsky nos EUA, e Oiticica, no Brasil, está na tarefa necessária de todo e qualquer intelectual que por princípio ético faz jus a sua condição: *mudar* o mundo. É exatamente neste ponto, que os paralelos que fizemos acima se aproximam da obra de Oiticica. Este fora um intelectual que mais do que compreender, se dispôs a transformar o mundo, a partir de um paradigma libertário e socialista de organização das classes exploradas. Neste sentido, podemos afirmar assertivamente que o anarquismo, para todos estes intelectuais mencionados, é o ideal máximo de que a sociedade deve se aproximar e a liberdade para ser completa:

“(…) Deve trazer consigo, não apenas a mera ausência de repressão, mas também a oportunidade de auto-organização. Ela [esta noção de liberdade] deve conferir o direito de associação com outras pessoas na construção de uma organização social com consciência e vida corporativa próprias. Em suma, a liberdade econômica deve se desenvolver através de aplicações das instituições à indústria.”⁴

Conhecimento, liberdade e auto-organização são princípios basilares

para qualquer militante anarquista e José Oiticica, no Brasil do início do século XX, fez jus a esta insígnia.

De participe direto da insurreição anarquista do Rio de Janeiro à condição de professor de Língua Portuguesa do Colégio Pedro II. Daí a pertinência da pesquisa do ilustre colega historiador Rogério de Castro em resgatar, um século depois, tal manuscrito originalíssimo, justamente na efeméride do centenário da admissão de José Oiticica em nossa escola. *A Questão Religiosa no Brasil*: Libelo acusatório do papel da Igreja Católica no Brasil da Primeira República, elaborado na condição de resposta ao inquérito do também anarquista e, naquele contexto (1913-1918) exilado político, Pinto Quartim.

Justa remissão à trajetória de um intelectual militante anarquista, obliterada pela memória oficial deste quase bicentenário Colégio Pedro II.



LEONARDO BRITO

Doutor em História Social pela UFF, professor do Departamento de História do Colégio Pedro II. *Anarquista e imposmodernizável.*

⁴ TAWNEY, R. H. “The Conditions of Economic Liberty” In *The Radical Tradition* (Org) Rita Hinden. New York: Pantheon Books, 1964, p. 103.